

## A AUTOAFIRMAÇÃO DO “EU” E A NEGAÇÃO DO “OUTRO”: PRINCÍPIOS CONFLITANTES DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA CONTEMPORANEIDADE

Francisco Renato Lima <sup>1</sup>  
Jovina da Silva <sup>2</sup>

**Resumo:** no cenário de uma sociedade pós-moderna, as questões de caráter sociocultural, sobretudo de demarcação de identidade, a partir da relação da afirmação do “eu” em negação ao “outro”, irrompem os limites de velhos dilemas entre indivíduos e sociedade, comportamento e liberdade. as identidades são marcadas, portanto, por tensões e relações conflituosas entre os agentes sociais. este estudo tem como objetivo investigar a relação de conflito existente entre o “eu” e o “outro”, a partir de aportes teóricos que contemplam as noções de sujeito, poder, liberdade e individualismo como elemento etnocêntrico construtor e demarcador de identidade na sociedade contemporânea. para tal, utilizou-se abordagem bibliográfica, de caráter qualitativo, a partir de autores como: ciampa (1987), díaz; stirner (2002), foucault (1998/2007), goffman (1988), hall (2004/2007), mauss (2003), rousseau (2002), stirner (2004), sartre (2003), woodward (2007), entre outros. infere-se, portanto, que é necessário afastar-se do pensamento etnocêntrico, preconceituoso e estereotipado daquilo que é diferente do meu “eu”, e caminhar na direção de relacionamentos baseados no respeito, na ética e na cidadania, onde os “eus” e “outros” possam caminhar juntos, numa perspectiva de buscar conhecerem-se e reconhecerem-se como “espelhos”, que se veem, se conectam e se complementam na construção da subjetividade humana, isto é, inseparáveis.

**Palavras-chave:** identidade; “Eu” e “Outro”; Afirmação e Negação.

### THE AUTO-APPROACH OF THE "I" AND THE DEFENSE OF THE "OTHER": CONFLICTING PRINCIPLES OF IDENTITY CONSTRUCTION IN CONTEMPORANITY

**Abstract:** in the scenario of a postmodern society, socio-cultural issues, especially the demarcation of identity, from the relationship of the statement of "I" in denial "the other" burst the boundaries of old dilemmas between individuals and society, behavior and freedom. The Identities are marked, therefore, by tensions and conflicting relationships between social agents. This study aims to investigate the relationship of conflict between the "self" and "other" from theoretical frameworks that consider the notions of subject, power, freedom and individualism as an ethnocentric path builder and identity in contemporary society. For this purpose, a qualitative bibliographical approach was used, based on authors as: Ciampa (1987), Díaz; Stirner (2002), Foucault (1998/2007), Goffman (1988), Hall (2004/2007), Mauss (2003), Rousseau (2002), Stirner (2004) Sartre (2003), Woodward (2007), among others. It is inferred, therefore, that it is necessary to move away from the ethnocentric thinking, prejudiced and stereotypical of what is different from my "self", and walk toward relationships based on respect, ethics and citizenship, where the "I" and "others" can go together with a view to get to know each other and recognize themselves as "mirrors", which are seen, connect and complement in the construction of human subjectivity, that is, inseparable.

**Keywords:** Identity; "I" and "Other"; Affirmation and Denial.

<sup>1</sup> Graduado em Pedagogia (FSA) e Letras - Português (INET). Especialista em Docência no Ensino Superior (FSA). Especialista em EAD (UNOPAR). Mestre em Letras – Estudos da Linguagem (UFPI). Email: [fcorenatolima@hotmail.com](mailto:fcorenatolima@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduada em Filosofia (UFPI), Pedagogia (FAEL) e Direito (FSA). Especialista em Docência no Ensino Superior (FSA). Especialista em EAD (UNOPAR). Mestre em Educação (UFPI). Docente da Faculdade Santo Agostinho (FSA). Email: [profjov@hotmail.com](mailto:profjov@hotmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

As relações e interações sociais entre os indivíduos da sociedade atual, demarcadas pela confluência, entrechoque e contradições de ideias e pensamentos, apresentam particularidades e características próprias. Características estas que suscitam o debate sobre a coexistência do “eu” e do “outro” numa conjuntura social na qual figura a disseminação do pensamento etnocêntrico, a supervalorização do “eu” e a individualidade, em rejeição à presença do “outro”, ao relativismo, como elemento marcador de representações identitárias na contemporaneidade.

Este estudo apresenta uma discussão acerca da problemática evidenciada na relação de conflito entre o “eu” e o “outro”, marcada pela negação do “outro” em autoafirmação ao “eu”, sob uma ótica etnocêntrica e excludente, demarcadora de identidades de sujeitos na sociedade contemporânea.

Neste sentido, tem-se como objetivo investigar a relação de conflito existente entre o “eu” e o “outro”, a partir de aportes teóricos que contemplam as noções de sujeito, poder, liberdade e individualismo, como elemento etnocêntrico construtor e demarcador de identidade na sociedade contemporânea.

No alcance deste objetivo, buscam-se os fundamentos em autores e teóricos, como Ciampa (1987), Díaz; Stirner (2002), Foucault (1998/2007), Goffman (1988), Hall (2004/2007), Mauss (2003), Rousseau (2002), Rocha (1994), Stirner (2004), Sartre (2003), Woodward (2007), entre outros, que abordam a temática em suas pesquisas e discussões, particularizando a questão da negação lógica do “outro” em favorecimento da autenticidade do meu “eu”, de maneira que assume um caráter identitário, em atenção a um discurso preconceituoso e excludente na atualidade.

É urgente, portanto, rever os modos de pensar e agir em sociedade, para a reconstrução e estruturação da natureza das relações entre os sujeitos. Devendo estes firmar-se pelo seu fazer, pela sua atitude, e não pela atitude de preconceito e negação ao outro, pois “o etnocentrismo passa exatamente por um julgamento do valor da cultura do ‘outro’ nos termos da cultura do grupo do ‘eu’” (ROCHA, 1994, p. 13).

Nesta perspectiva, este estudo justifica-se como um referencial teórico de fundamental importância para a compreensão e relativização das práticas e ações sociais estabelecidas pelos sujeitos no processo de interação e demarcação identitária de autoafirmação na sociedade.

É relevante destacar, ainda, que os resultados apresentados contribuem para as elucidações empíricas, teóricas e metodológicas da dinâmica das relações identitárias na construção da sociedade, na medida em que reflete seus valores socioantropológicos e filosóficos.

A compreensão das ideias é feita através do direcionamento lógico da escrita, que inicia apresentando as principais noções da relação entre o “eu” e o “outro” na sociedade de hoje; em seguida, apresenta-se o percurso metodológico da pesquisa; depois, busca-se o apoio de alguns teóricos pra dar fundamento e alicerce à discussão, por meio do diálogo com a leitura de suas ideias; e, por fim, as considerações finais, que buscam apresentar os principais pontos estudados e recomendações que deem respostas ao objetivo traçado, através da discussão e interpretação dialógica das teorias norteadoras do estudo.

## **2. PERCURSO METODOLÓGICO**

Neste estudo, trata-se, a partir de uma abordagem filosófica, da questão da autoafirmação do “eu” e a negação do “outro”, considerando este aspecto como um princípio conflitante na construção identitária contemporânea. Para concretizar os objetivos propostos, recorreu-se a uma pesquisa de natureza qualitativa, realizada através dos princípios da pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2007, p. 44):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas.

O estudo bibliográfico foi fundamental para o levantamento do referencial teórico supracitado no desenvolvimento do trabalho. Quanto à abordagem qualitativa adotada para a leitura das informações, Minayo (2003, p. 23) aponta que ela “responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”.

A análise e discussão dos conhecimentos teóricos deram-se a partir de posicionamento crítico dos pesquisadores, colocando em evidência as visões de Michel Foucault, Jean Paul Sartre e Max Stirner, como ponto fundamental que permite o diálogo de concepções e abre possibilidades para o aprofundamento de estudos e reflexão sobre a temática.

### 3. O “EU” E O “OUTRO”: TENDÊNCIAS E PERSPECTIVAS DO NOSSO TEMPO

Na contemporaneidade, a diferença existente entre os sujeitos geram pontos de conflito, visto que de um lado existe o “eu”, que pensa de forma superior, civilizada e elaborada, e que se sente incomodado com a presença do “outro”, que pensa e age de forma distinta, em contraponto ao estabelecido como padrão cultural superior pelo primeiro, revelando, assim, a cristalização do etnocentrismo como marca identitária na sociedade.

As identidades podem funcionar, ao longo de toda a sua história, como pontos de identificação e apego apenas por causa de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em exterior, em abjeto. Toda identidade tem, à sua margem, um excesso, algo a mais. A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta” – mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado” (HALL, 2007, p. 110).

A face do etnocentrismo cultural na formação identitária é explicitada por Rocha (1994, p. 7), como “uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência”.

A construção da identidade do sujeito não acontece de forma individualizada, isolada do meio em que vive, mas de maneira histórica e processual, da relação com a identidade do “outro”, da interação, para se constituir a noção de pessoa. “A identidade é, assim, marcada pela diferença” (WOODWARD, 2007, p. 9).

O conceito de identidade é complexo e envolve diversas variantes, sofre muitas modificações e significações de acordo com o contexto sócio-histórico e cultural inserido, pois a “a identidade está associada às avaliações decisivas feitas de nós mesmos – por nós mesmos ou pelos outros. Toda pessoa se apresenta aos outros e a si mesma, e se vê nos espelhos dos julgamentos que eles fazem dela” (STRAUSS, 1999, p. 29).

Ao tratar da noção de pessoa, numa perspectiva histórica, Mauss (1974) apresenta que esta que se tem hoje é a marca da individualidade própria de cada sujeito, em sua constituição física, moral e psicológica. Complementa, ainda, que “é evidente, principalmente para nós, que jamais houve ser humano que não tenha tido o sentido não apenas de seu corpo, como também de sua individualidade a um tempo espiritual e corporal” (MAUSS, 2003, p. 211).

Com base neste pensamento inerente ao contexto atual, desfaz-se, portanto, a ideia de construção de identidade dissociada do conceito de diversidade, visto que esta construção deve pautar-se pela articulação de igualdade e respeito entre o “eu” e o “outro”, como partes fundamentais do processo, e que legitimam o todo, visto que a identidade do indivíduo é “determinada pelo que não é ele, pelo que o nega” (CIAMPA, 1987, p. 137). Nesse constructo, a identidade emerge, a partir do outro que, em geral, está numa posição social, que é protagonista.

A negação da identidade do “outro” é uma constante na vida social da atualidade, onde os sujeitos, através de atitudes de exclusão e desrespeito, tentam firmar o seu pensamento, a própria existência. Porém, “um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto, ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso” (GOFFMAN, 1988, p. 13).

O sentimento de negação do “outro” é uma característica recorrente na história das sociedades, porém está cada vez mais acentuada nos novos tempos, em que se vive um reestruturação social, gerada pelo quadro econômico-político-social da globalização, que apresenta contornos cada vez mais complexos, demarcados pelo consumismo, individualismo, disputa de territórios e a competitividade, que interferem nas relações socioculturais de construção da identidade.

Ao mesmo tempo, esse mesmo fenômeno – a globalização – também funciona como mecanismo de abertura para a manifestação da diferença, através de movimentos que romperam tensões hierárquicas, entre dominantes e dominados, propondo, em contrapartida a essa visão, um discurso da alteridade, como fenômeno universal, de tal modo que, nesse cenário, a identidade é “um manto leve pronto a ser despido a qualquer momento” (BAUMAN, 2005, p. 37).

Os marcadores identitários vão se inscrevendo no modo de ser desses sujeitos, na forma como o discurso do “eu” se sobrepõe à existência do “outro”. De acordo com Woodward (2007, p. 140):

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios.

A manipulação e o descrédito da identidade do “outro”, surge da ignorância do “eu” em considerar que somente aquilo que lhe é próprio deve ser tido como normativo ou superior. O principal argumento etnocêntrico é considerar que o “outro” constitui-se em um membro social normal, porém apresenta características particulares, o que permite ser tratado com indiferença e sobreposição da minha existência sobre a dele, ou seja, uma identidade negada.

O “eu” cria rótulos em relação ao “outro”, características depreciativas, tanto na questão do fenótipo como do genótipo, ou seja, do aspecto físico ao genético, uma redução até mesmo das funções biológicas de cada indivíduo, fortalecendo a ideia de deteriorização e inferioridade daqueles que considera não apresentarem o mesmo desempenho que o seu “eu”.

Esta ideia é discriminatória e preconceituosa, mas, no afã de uma sociedade marcada pelo preconceito e individualismo, tem se mostrado eficaz o suficiente para manter e reproduzir a ideologia dominante nos seus objetivos de multiplicar as diferenças e privilégios no contexto social.

A tônica da afirmação do “eu” como condutor de razões absolutas, do individualismo exacerbado em detrimento do “outro” instaura o preconceito, visto que os sujeitos que possuem tal crença constroem conceitos próprios, marcados por estereótipos e mutilamentos da cultura alheia, que são os fios condutores para a discriminação e exclusão social em diversos contextos.

A sociedade acentua esta tônica, pois seus mecanismos se configuram como um meio de manutenção das desigualdades sociais, pelo uso de métodos simbólicos e indiretos de coerção e exclusão social, fazendo com que a desconstrução de antigos preconceitos e “rótulos” fique ainda mais difícil.

As construções de identidade operam-se pelas relações estabelecidas entre os sujeitos na sociedade, que desenvolvem mecanismos tanto de identificação como de diferenciação, negação ou exclusão, como produções culturais e simbólicas inseridas em um determinado contexto. Os estudos interacionista simbólicos de Goffman (1998), baseados nas análises da vida social cotidiana, apontam esses detalhes da identidade individual e social, a partir da análise dos papéis de cada sujeito no contexto em que se insere, e a forma como suas ações influenciam intencionalmente os outros.

O individualismo acirrado, nega o coletivismo e faz com que o sujeito não enxergue o outro, dando vida ao etnocentrismo cultural e negando a ideia de



relatividade. O “outro” é o diferente, o estranho, o nada. O que tem valor é o “eu” e aqueles com os quais o “eu” se identifica. O sujeito procura afirmar sua imagem, em cima da negação do “outro”. Portanto, é urgente uma política social mais democrática, que repense modelos vigentes, analise suas estruturas e redirecione as suas ações para que seja superada essa crise de socialização.

#### **4. RELAÇÃO ENTRE O “EU” E O “OUTRO”: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA**

No cenário de uma sociedade pós-moderna, as questões de caráter sociocultural, sobretudo de demarcação de identidade, irrompem os limites de velhos dilemas entre indivíduos e sociedade, comportamento e liberdade. Mesmo assim, discutir identidade gera polêmicas, visto que este novo discurso põe fim a verdades tidas como absolutas e inquestionáveis, e pressupõe novas formas de sociabilidade nos adventos da contemporaneidade, na medida em que cumpre um papel relevante nas lutas e estratégias políticas e sociais. Hall (2004, p. 9), destaca que “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.

As relações entre o “eu” e “outro” constituem-se do contato, da coexistência e enfrentamento social entre estes dois discursos, que se expressam nas relações do cotidiano. O conflito surge, portanto, das diferenças, das práticas e herança culturais, historicamente construídas por cada indivíduo.

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” [...] A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nos imaginamos ser vistos pelos outros (HALL, 2004, pp. 38-39).

As identidades são marcadas, portanto, por tensões e relações conflituosas entre os agentes sociais. Estes conflitos nas relações figuram, muitas vezes, os estereótipos, os preconceitos sociais, que legitimam a exclusão, presente na constituição social e identitária da atualidade.

Com esta compreensão, apresentam-se, nos itens a seguir, alguns aprofundamentos teóricos baseados nas linhas de estudo de alguns autores que

abordam a temática do conflito entre o “eu” e o “outro” como elementos constituintes da formação identitária da sociedade.

#### **4.1. A visão Sartriana: “a condenação da liberdade do ‘eu’ se dá pelo olhar do ‘outro’”**

Ao formular teorias de liberdade, Sartre aponta o conflito entre o “eu” e o “outro” como elementos substanciais geradores de conflitos na sociedade. A condenação da liberdade do “eu” se dá pelo olhar do “outro”, pois “O outro é, por princípio, aquele que me olha” (SARTRE, 2003, p. 315).

Os estudos de Sartre apontam que a partir do momento em que há um encontro entre o “eu” e o “outro”, a tomada de consciência da existência por ambas as partes, dilui-se qualquer separação, pois resulta daí uma situação de alerta e estranhamento entre estes, pois “a aparição do outro faz surgir na situação um aspecto não desejado por mim, do qual não sou dono e que me escapa por princípio, posto que é para o outro”. (SARTRE, 2003, p. 341). Sobre a mesma discussão, completa ainda que: “O outro é, antes de tudo, a fuga permanente das coisas rumo a um termo que capto ao mesmo tempo como objeto a certa distância de mim e que me escapa na medida em que estende à sua volta suas próprias distâncias” (SARTRE, 2003, p. 329).

A descoberta do “eu” e do “outro” é para ambos um choque, um confronto, que os paralisa, os questiona e os deixa imersos em uma dimensão de total confusão. Para o autor, a partir do momento da percepção, “deixo de ser eu e começo a existir perante o outro e o mundo”. “[...] Porque perceber é olhar, e captar um olhar não é apreender um objeto no mundo, mas tomar consciência de ser visto [...]” (SARTRE, 2003, p. 333).

A coexistência entre ambos é conflituosa e desagradável, porém, a partir desta percepção, passam a estabelecer uma relação de reciprocidade e dependência um do outro, passam a ser o reflexo um do outro. Conforme o autor, “[...] não é suficiente que eu negue a mim o outro para que o outro exista, mas é preciso também que o outro me negue a si, em simultaneidade com minha própria negação” (SARTRE, 2003, p. 383).

O encontro é inevitável. A relação é conflituosa, porém inegável. Não há fugas ou desvio. Portanto, acredita-se que a existência entre eles é recíproca, ou seja, um precisa do outro pra existir, para tornarem-se reais, um torna-se o espelho



do olho. E a partir daí travam uma rivalidade, buscam disfarces e subterfúgios para não serem descobertos, manipulam a realidade e criam personagens, de negação a existência do outro, cristalizando, assim, o etnocentrismo cultural, marca identitária deste século.

#### **4.2. O inevitável encontro do “eu” com o “outro”, em Max Stirner**

A formação da identidade, pela conquista do “eu”, aquilo que o define como pessoa, sujeito das coisas e do mundo em que vive, se dá desde muito cedo na vida do sujeito. A luta pela autoafirmação apresenta-se como algo inevitável, porém é preciso respeitar a existência do “outro”. Stirner (2004, p. 15) preleciona que:

A partir do momento em que vê a luz do mundo, um ser humano busca encontrar-se e conquistar-se a si próprio no meio da confusão em que, com tudo o que há nesse mundo, se vê lançado sem orientação. [...] Mas, por outro lado, tudo aquilo com que a criança contata se rebela contra as suas intervenções e afirma a sua própria existência. [...] Assim sendo, e porque tudo está centrado em si mesmo e ao mesmo tempo entre em colisão com tudo o resto, a luta pela autoafirmação é inevitável.

Esta autoafirmação do “eu”, que se apresenta como elemento necessário e constitutivo de sua essência, acaba por obrigá-lo a ultrapassar limites e princípios que negam a existência do “outro”, provocando uma desestruturação no modo estável de relacionar-se na sociedade.

Ademais, vivemos em uma sociedade mecânica, do controle, na qual somos constantemente incitados, desafiados a conquistar o seu “eu”, a superar a lógica do determinismo e do existencialismo, onde “[...] eu não sou eu junto a outros eus, e sim o eu exclusivo: eu sou único. Por minhas necessidades, minhas ações, tudo em mim é único” (DÍAZ; STIRNER, 2002, p. 55).

O etnocentrismo identitário presente no pensamento de Stirner (2002) revela um egoísmo do “eu”, por considerar que ninguém é igual a ele. “Ninguém é meu semelhante, a não ser que, identificamos a todos os demais seres, eu o considere minha propriedade” (DÍAZ; STIRNER, 2002, p. 78). Desta forma, o pensamento do “eu” não considera qualquer nível de afinidade como o “outro”, e então se estabelece a relação de egoísmo e negação ao “outro”.

Se eu posso utilizá-lo, ponho-me de acordo e uno-me a ele, a fim de reforçar meu poder por meio desse acordo, esse é o único nós que o eu reconhece, reforça a si mesmo, “Nesta ação não vejo nada mais do que uma multiplicação de minha força, que não faço durar mais que o tempo que ela é minha força”. E deste modo é uma associação (DÍAZ; STIRNER, 2002, p. 38).

Porém, não há como negar ou fugir do encontro do “eu” com o “outro”. Há entre ambos uma interdependência real, que ao tempo em que os torna próximos, começa as situações de conflito, onde o primeiro busca, sob todas as formas, inibir e manipular a existência do segundo.

Diagnosticado isso, verifica-se o ponto de partida para o entendimento do embate entre o “eu” e o “outro” na formação identitária do sujeito na sociedade, pois este, assim que passa a ter consciência de sua existência, passa a buscar a autoafirmação, e em contrapartida aciona o seu contrário: a negação do “outro”, que considera estranho, aquilo que está em conflito com suas “verdades” e abala aquilo que estabelece como “estável”.

Esta autoafirmação de si, em contraponto ao “outro”, leva o indivíduo a uma condição de isolamento, perda de relações com o mundo, e conseqüentemente passa a ter uma vida apartada das relações de convívio social. “Não venha me dizer que eu devo ser homem com o próximo e que devo respeitar o próximo, pois ninguém é para mim objeto de respeito a não ser a mim mesmo” (DÍAZ; STIRNER, 2002, p. 79). Este comportamento extremista revela a atitude de supremacia e preconceito do “eu” com o “outro”.

De acordo Díaz; Stirner (2002, p. 79): “Do mesmo modo que nós não vemos próximos numa árvore ou num animal, ninguém é meu próximo”. Este pensamento revela o modo etnocêntrico de pensar e agir dos sujeitos, que manipulam, estigmatizam o “outro”, tornando-os inferiores, ininteligíveis diante daquilo que consideram como superior.

#### **4.3. O privilégio do “eu” em detrimento do “outro” e as relações de poder, em Foucault**

O pensamento de Foucault focaliza a intenção de poder existente nas relações que permeiam os discursos e salientam a intenção do “eu” em autoafirmar-se a partir da negação do “outro”. Concordando com o pensamento do autor, Silva (2007, p. 51) preleciona que “as identidades só podem ser compreendidas em relação à produção das diferenças marcadas por relações de poder”.

Foucault trata da questão, estabelecendo uma relação com as noções de poder inerentes a todas as relações sociais, que se manifestam nas atitudes cotidianas, em que o poder “incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos” (FOUCAULT, 2007, p. 243).

O discurso da atualidade, que privilegia o “eu”, o individualismo, em detrimento ao “outro”, está associado a mecanismos de poder e coerção, tratadas por Foucault, ao discutir sobre a questão em duas de suas principais obras: “*Microfísica do Poder*” e “*História da Sexualidade: a vontade de saber*”, respectivamente:

Rigorosamente falando, o poder não existe, existem, sim, práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação. (FOUCAULT, 1998, p. 295)

O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. O poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. (FOUCAULT, 2007, p. 88)

Nesta perspectiva, Michel Foucault (2007) contribui com ideias sobre discurso, sujeito e poder existentes nas relações e apresenta uma corrente autocrítica inerente às relações humanas, neste estudo enfatizadas no sentido de preconceitos e estereótipos presentes no imaginário social, que desconhece a importância de se reconhecer a relação dialógica e necessária entre estes dois termos – o “eu” e o “outro” – como dimensões inerentes ao processo de construção histórica da sociedade.

Desta forma, o poder age como elemento determinante nas práticas sociais estabelecidas entre os sujeitos, que circula entre eles, numa rede de representações ideológicas, práticas de produção de conflito e desordem, projeções e supervalorização de padrões, – como categorias que alimentam a negação identitária dos sujeitos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões apresentadas neste estudo demonstram as relações de disparidade e confrontos entre os elementos “eu” e “outro” na formação identitária da sociedade contemporânea. As análises apontam que são termos que ora apresentam-se tão próximos, cruzam caminhos paralelos, até mesmo inseparáveis; mas, ao mesmo tempo, apresentam-se tão distantes, postos em disputa de territórios, causada pela conjectura social do nosso tempo, em que impera o individualismo.

A questão identitária é tratada sob o enfoque teórico de diferentes autores, como elemento norteador das discussões mais específicas: o “eu” em negação ao “outro”, como elemento identitário de uma sociedade em contínuo processo de evolução e mudança, onde a maior variedade de expressões humanas compõe a identidade de cada indivíduo.

O processo de constituição identitária é complexo e infinito, pois se constrói e se desconstrói na medida em que os tempos evoluem e impõem novas necessidades, novas transformações e formas de pensar e agir diante dos fenômenos socioculturais.

O estudo aponta para a importância de uma transformação nos modos de pensar e agir em sociedade, buscando, principalmente, conhecer mais a fundo as questões sociais e culturais que formulam um conceito de construção identitária. Tomando esta como uma perspectiva democrática e relativista, que ofereça “respostas” eficientes a todos os indivíduos, num contexto em que figure o respeito à diversidade e às variáveis culturais de cada sujeito, e que estes se percebem, o “eu” e o “outro”, se encontrem, se entrelacem e respeitem a subjetividade e particularidade de ambos.

Urge uma reflexão frente aos resultados obtidos neste estudo, recomendando-se:

– Uma leitura de que é preciso afastar-se do pensamento etnocêntrico, preconceituoso e estereotipado daquilo que é diferente do meu “eu”, e caminhar na direção de relacionamentos baseados no respeito, na ética e na cidadania.

– Admitir-se que os “eus” e “outros” possam caminhar juntos, numa perspectiva de buscar conhecerem-se e reconhecerem-se como “espelhos”, que se veem, se conectam e se complementam na construção da subjetividade humana, portanto, inseparáveis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CIAMPA, A. *A Estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DÍAZ, Carlos; STIRNER, Max. *Uma filosofia radical do eu*. Tradução Piero Angarano, Jorge E. Silva. São Paulo: Imaginário: Expressão e Arte, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal Ltda., 1998. [1979]

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007. [1976]

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Vozes, 2007, pp. 103-133.

KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves; SIMIONATO, Margareth Fadanelli (org.). *Formação de professores: abordagens contemporâneas*. São Paulo: Paulinas, 2008.

MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de "eu". In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2003.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. *O que é etnocentrismo*. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SARTRE, Jean Paul. *O ser e o nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2003

SILVA, Fabiane Ferreira da. Linguagens, Estilos, Adornos Corporais...: a produção das identidades adolescentes na contemporaneidade. In: SILVA, Fabiane Ferreira da. *et al.* (Orgs.) *Sexualidade e escola: compartilhando saberes e experiências*. Rio Grande: Editora da Furg, 2007.

STIRNER, Max. *O Único e a sua Propriedade*. Lisboa: Antígona, 2004.

STRAUSS, Anselm. *Espelhos e Máscaras*. São Paulo. Edusp, 1999.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu de (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007. pp. 7-72.

Submetido: 20 de novembro de 2016

Aceito: 05 de abril de 2017